

Poesia, Dança e Liberdade em Ricardo Teixeira de Salles

Fábio Lucas

Ricardo Teixeira de Salles incorpora à literatura brasileira um ponto de vista especial: a poesia construída sobre o espetáculo do corpo e a dança. A extração da mensagem verbal das formas e movimentos do corpo, utilizados como sede de comunicação, é um dos altos resultados de *O Corpo Respira Relâmpagos*. Desde o título até o final satírico, em que, em paródia dos ritos nacionais, o país se apresenta como um sinal fálico – pau Brasil –, a poesia de RTS se inscreve em pauta de tensão. Exemplo, *“Momentos Doloridos de Alegria”*, torturante: *“Quando o corpo retesado em eixo/é pira e rotação de girassóis,/ a dança dói além do percebido/ como as coisas doidas de alegria.”*

Denso erotismo pervaga *O Corpo Respira Relâmpagos*, busca da essência lírica, vertigem do espaço, mergulho nas profundezas da raça brasileira: *“Pelos Ares da Noite”* é exemplar.

Ricardo Teixeira de Salles realiza na elaboração poemática a pesquisa do ritmo, da beleza e do movimento, como se a *ars amandi* fosse a nutriz e o desdobramento de sua *ars poética*, como se Ovídio e Horácio estivessem tratando do mesmo assunto. *“Feitura do Traço”* figura como a declaração de princípios do poeta. Aliás, na *“Carta do Corpo”* recolhem-se quatro dimensões da dança: *“dedicar-se à brisa/ vocabular do movimento”, “razão do corpo”, emoção* e *“a transcrição de silêncios”*.

O livro ainda se adensa de uma camada mais profunda, a visão do dançarino que vasculha a plateia e crítica o espetáculo, a cidade e o mundo. *O Corpo Respira Relâmpagos* transporta as temporalidades da época. É memória de cenas belorizontinas, de vivências americanas e europeias, de admirações da poesia e da dança realizadas pelos maiores, é culto e expiação.

Dor e glória se misturam em paradoxal convívio na escalada poética de RTS, como se pode notar no poema *“O Cansaço Decomposto nos Espelhos:... onde escavamos com Narciso/a magia de enterrarmos o joanete/coroado de dores/nos canteiros dos ensaios/ de intensidades imperfeitas.”*

E mais: há o retinir, por entre manifestações do corpo e da mente, da visão supra-real, *“zunindo a espora seca da loucura”* (poema *“Esquina de Repertórios Loucos”*). Trata-se de um aspecto da inquietação verbal de RTS.

Dramático supra-realismo, banhado de *science-fiction*, de província e metrópole, algo muito estranho que se admira em *“Busca Estrangeira”*. Sem contar a hipérbole, tão contundente, tão coruscante, do poema *“Desassombro: “Eufórica, encoste tua mão no sol.”*

Intimidade do corpo, a intimidade do palco, eis os pontos privilegiados do poeta: *Quando chega o público/isolado pela escuridão/quem dança sabe/dos corações que não pode ver/e oxigena suas vertigens/embriagadas de orgulho e doação.”*

Há, ainda, o grito social, os mistérios da participação sem auroras radiantes e esperanças luzentes. *“Rebeldia das Proclamações”* é um canto de ruptura, um protesto, um sonho romântico de libertação. A mineração do Eu e do Outro pode ver-se em *“O Aplauso”*, belo poema: *“... ativo capital nas contabilidades do nada,/o aplauso, desconhecido público,/ o aplauso estupidamente rico de furiosas ilusões.”*

Dança e visão supra-real irmanam Ricardo Teixeira de Salles e Murilo Mendes. Há algo comum entre ambos. Este é evocado por aquele: *...aflores daqueles idos arco-íris/de Nijinsky cantado por Murilo/ poeta querido Mendes.”*

O poema *“Nosso Mundo Nacional de Histórias”* é celebração dos resíduos vivenciais do dançarino Carlos Leite, Tatiana, Klauss Vianna, tantos outros, brancos, negros, índios, todos que se realizaram na coreografia, fora dos ritmos da ordem e da repressão, do jogo do silêncio e da submissão.

Abre-se *O Corpo Respira Relâmpagos* com uma epígrafe buscada em Nietzsche: *“O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor.”*

E o poema final, significativamente *“Lição do Povo”*, é encimado por este dizer de Maurice Bejart: *“A dança tem suas raízes no sagrado e no social, e toda dança que não os incorpora, mesmo inconscientemente, se mostra ineficaz, por estar desprovida de suas origens.”*

Este é o livro de Ricardo Teixeira de Salles: o corpo, o sagrado e o social mediados pela expressão verbal. Fala com originalidade da arte do corpo, da expansão do desejo, da crítica do mundo e da vitória das formas. É poesia e dança, é coreografia da liberdade, é estudo do palco e da plateia, das tensões do homem exprimindo-se, em busca da expressão do outro. Neste poliédrico ballet de palavras, apanham-se as leis imortais das Belas Artes, tão bem cultivadas nas palavras poéticas de Ricardo. Do poema *“Manifesto”* fica o resíduo da criatividade: *“ao pé da letra/dançar/nunca será em vão.”* E o eco dessa assertiva se traduz no poema *“Afinação do Corpo”*: *“Discernir no florir da música/o zumbir da eternidade.”*

Eis como RTS, na dança da letra e da música, esculpe a ânsia da eternidade. Além da aliança da poesia com a dança, Ricardo dá um salto a mais, na tentativa de intensificar as imagens extraídas das palavras: projeta-se num mapa colorido, tornando, assim, o espaço gráfico, com seus traços e formas, o aliado da encenação verbal da dança. Vibra o carrossel interativo das Artes, num espetáculo de harmonia e de variada originalidade.

Enfim, os movimentos do corpo, as ânsias dos gestos e os ruídos da fala constituem os ancestrais da palavra escrita e do encanto e beleza que a forma poética dissemina, quando eleva o leitor às altas esferas do espírito. Ricardo Teixeira de Salles centralizou a dança no cenário da expressão lírica.



Ricardo Teixeira de Salles

Falemos da realização gráfica de *O corpo respira relâmpagos* (Belo Horizonte, Edição do Autor, 2016). A participação de Ricardo Teixeira de Salles no engenho de aliciar formas e cores ao encanto verbal dos poemas, contando com a direção de arte e capa de Wesley Maldonado, constitui um lance a mais no conjunto extraordinário.

Temos, igualmente, as dedicatórias a “Companheiros e mestres”, com os quais Ricardo divide a materialização em livro dos poemas direcionados à Dança. As composições enaltecem os movimentos, os ganhos e perdas do corpo, quando este centraliza a mensagem transformada em espetáculo perante o público aglomerado no escuro, hesitante e de olhos acesos, tornando-se ao mesmo tempo comparsa e crítico, em suspense de não-respiração. Tenciona o artista em ato, a aguardar sejam vibrantes aplausos, seja o desdém do silêncio, como a fúria da vaia.

A abrangência do espectro do dançarino, então atingido pela respiração retida do público, percorre o Eu Narciseo, ávido de consagração, mas com os faróis da consciência vigilantes. Quando a esta acode o engajamento político, a sensação de confronto é permanente.

O leitor exigente de *O corpo respira relâmpagos* investiga página por página e abastece-se dos incontáveis momentos líricos e sente o pulsar das grandes causas humanas, percebe-se a agitar o gesto de solidariedade. O autor das mensagens cria e cita. Os poemas focalizam a dança, os mestres da dança, apontam para a visão humanitária e apóiam-se explícita ou implicitamente em autoridades da cultura nacional e internacional. Ricardo dialoga com a memória coletiva, seu texto engaja-se no contexto circundante.

Enfim, produziu um dos mais belos livros executados no Brasil, no conteúdo e na forma. O luxo e exuberância das cores e das formas aglutinam-se à beleza comunicativa dos versos. O poeta na sua mais alta expressão. Nestes tempos de Olimpíadas, nele a dança se mostra igualmente um prodígio da ginástica, pontilhando de beleza e energia todos os gestos do dançarino.

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Mineira de Letras.

20 Anos de Parceria

Rosani Abou Adal

A Livraria Brandão de São Paulo, dirigida por Eurico Brandão Júnior, atua no mercado livreiro há mais de três décadas. Brandão trabalha ao lado de sua esposa Cecília.

Possui um acervo aproximado de 150 mil títulos de todas áreas do conhecimento, classificados por assunto e em ordem alfabética pelo nome do autor.

Dispõe das primeiras edições de autores brasileiros, de Viajantes, de Arte Brasileira, entre outros. Com destaque para *Os Sertões de Euclides da Cunha*, *Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre*, *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa e *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda.

Segundo Brandão, "Nosso acervo conta com obras de toda a área do conhecimento humano e foi muito bem selecionado após todos estes anos de experiência".

O Acervo Online, cadastrado na Estante Virtual, abriga mais de 70.000 títulos. Para Brandão, "Esta nova ferramenta de trabalho proporcionou aos leitores encontrar o livro desejado através de um método prático e seguro". <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

O Sebo Brandão iniciou suas atividades há 62 anos em Recife (PE), sob o nome de Agência Cultural Guararapes - a loja de livros consignados de particulares. O nome Livraria Brandão surgiu quando Eurico Brandão resolveu abrir filiais na Bahia e em São Paulo. O sucesso do empreendimento é devido ao profissionalismo, dedicação, e organização.

Trabalha com encadernações de obras, compra bibliotecas, vende livros para todo o Brasil e faz entregas personalizadas. Aceita todos os cartões de crédito, facilita o pagamento e oferece descontos à vista.

Localizada na Rua Coronel Xavier de Toledo, 234, sobreloja, em São Paulo, próximo ao metrô Anhangabaú. Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646. oldbook@terra.com.br

A Livraria Brandão, amiga da Literatura, apoia *Linguagem Viva* desde a edição nº 94, agosto de 1996.

Deixamos nosso eterno agradecimento pelos 20 anos de parceria.

Rosani Abou Adal é poeta, jornalista e Vice-Presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura anual: R\$ 84,00

semestral: R\$ 42,00

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -

Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



Cecília e Brandão

AO PÉ DO RÁDIO

Napoleão Valadares

Não é bom falar sobre coisas tristes. Mas os fatos são tão antigos que talvez nem causem muita tristeza. E vamos a eles.

Quando nos chegou o primeiro rádio, ficamos encantados. Era um aparelho bonito, de jacarandá, com uma seda alvinha na frente, medindo quase dois palmos de comprimento e pouco menos de largura. As pessoas grandes gostavam das novelas, *O Direito de Nascer* e outras. Nós, meninos, nos interessávamos por músicas. E de noite todo mundo estava ao pé do rádio.

As coisas tristes a que me refiro eram notícias que ouvíamos nos programas de reportagens. O *Repórter Esso* era um deles. Notícias de longe, mas que nos deixavam meio chocados e penalizados. Duas delas foram o incêndio de um circo em Niterói e a queda de uma ponte no município de João Pinheiro. Elas nunca me saíram da memória.

O caso do circo foi um horror de gente queimada e pisoteada. Um sujeito não tinha dinheiro para comprar o ingresso, pediu que o deixassem entrar sem pagar e, como não consentiram, ele arranhou um pouco de gasolina e botou fogo na lona do circo. Muita morte e muito ferimento. Ouvindo a notícia pelo rádio, imaginávamos o desespero do povo morrendo queimado. E menino ouvindo essas coisas...

Muito depois, lendo o livro *Diário de um Candango*, de José Marques da Silva, deparei-me novamente com o caso, pois o autor faz uma referência ao tal incêndio do circo: "Soube que em Niterói ocorrera uma tragédia brutal! Fazia lembrar Herкулano e Pompeia, quando o Vesúvio, implacável, soterrou milhares e milhares de pessoas. Mas fora no Brasil, onde temos bombeiros bem equipados, sem que com isso pudéssemos evitar um acontecimento tão funesto. Nada menos de 200 crianças, vidas em flor, conheceram a morte num circo que se incendiara!" E mais adiante: "Que absurdo! 330 pessoas já perderam a vida, apesar da luta que movem os médicos para que esse número não aumente!"

O outro fato, a queda da ponte, igualmente chocante, deu-se num 13 de dezembro, dia de Santa Luzia. A ponte sobre o Rio da Prata desabou e os carros foram caindo e o povo morrendo, até que um lavrador daquelas beiras, Luiz Goiano, colocou

galhos de árvores na estrada, como aviso, impedindo que mais carros caíssem no rio.

Conversando com Célia, esposa do amigo Anderson Braga Horta, ela me disse que uma sua irmã, Clesli Santos, foi vítima desse acidente. Estava em Brasília e resolveu passar o Natal com os pais, no Rio de Janeiro. E o ônibus em que ela viajava foi um dos veículos que caíram no Rio da Prata.

Mas nem tudo são tristezas. Ao pé do rádio, meu pai pegava um programa chamado *Seu Criado Obrigado*. O programa era muito instrutivo e agradável. Consistia em perguntas que os ouvintes faziam por cartas, e em respostas que o locutor dava, com tudo bem explicado. A gente aprendia muito com isso.

Passaram-se anos. Um dia, vasculhando livrarias, encontrei o livro *Seu Criado Obrigado*, de Lourival Marques. O locutor tinha feito do conteúdo daquele programa, ao longo do tempo, um livro, contendo as perguntas e as respostas, com nomes e endereços das pessoas. Ali encontrei o nome de um amigo que, naquela época, tinha escrito ao programa. Nada menos do que o escritor Jacinto Guerra, que perguntava: "Por que os Estados Unidos são conhecidos como Tio Sam?" Pergunta assim respondida: "Várias histórias são conhecidas, cada uma explicando a seu modo, a origem da expressão 'Tio Sam'. A mais aceita, nos Estados Unidos, é a seguinte: durante a guerra de 1812, um homem de Troy, Nova York, viu as letras U. S. estampadas num grande volume e não sabendo que eram as iniciais de *United States*, perguntou o que significavam. Por essa época havia em Troy um certo Mr. Wilson a quem todos chamavam de *Uncle Sam* (tio Sam). A pessoa a quem a pergunta fora feita, querendo divertir-se à custa do outro, respondeu que U. S. eram as iniciais de *Uncle Sam*, isto é: de Mr. Wilson. A brincadeira logo circulou e em breve se confundiam, permanentemente, *Uncle Sam* e *United States*."

Telefonei a Jacinto informando-o sobre o achado e lhe dei o livro. E ele, numa crônica de *O Gato de Curitiba*, trata do telefonema em que lhe ofereci o presente. Vi mais uma vez que o mundo é pequeno. Aliás, o rádio fez o mundo menor ainda.

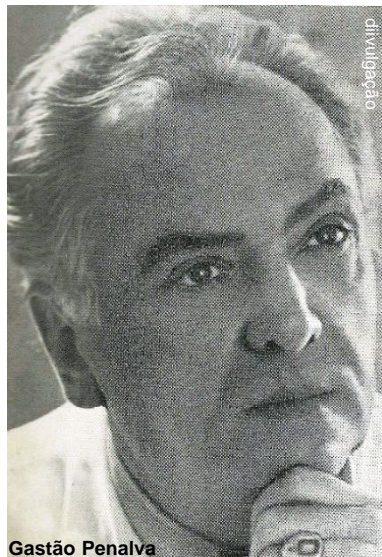
Napoleão Valadares é membro da Academia Brasileira de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

O ESCRITOR-MARINHEIRO GASTÃO PENALVA

Rui Ribeiro

O carioca Sebastião Fernandes de Souza (1887-1944) exerceu sob o pseudônimo de Gastão Penalva, intensa atividade intelectual. Foi romancista, tradutor, novelista, crítico literário, contista, cronista e conferencista, com legado de cerca de 20 livros. Mas se a obra é farta, escassos são os registros sobre o autor. Nas próprias memórias, publicadas postumamente, pouco falou de si. Preferiu se entender em considerações sobre a árvore genealógica da família, cujas raízes remontam ao tempo dos bandeirantes. Necessário se faz colher, ali e acolá, fragmentos de informações que conduzam a marcos de sua trajetória de incansável labor. O pai – Ernesto de Souza – foi músico, compositor e teatrólogo, fazendo fortuna como industrial farmacêutico criador do “Rum Creosotado”, para o qual compôs versos de propaganda afixados em cartazes nos bondes até meados do século passado: (“Veja, ilustre passageiro,/ o belo tipo faceiro/que o senhor tem ao seu lado;/mas no entanto, acredite/ quase morreu de bronquite,/salvou-o o Rum Creosotado”).

Nasceu o escritor em Andaraí, onde morou por cerca de um quarto de século, numa chácara cercada de “altas jaqueiras carregadas de frutos e ninhos”. Aquele bairro era, na época, periferia distante da área central da cidade do Rio de Janeiro e apresentava ainda características de pequenos vilarejos interioranos. Circulavam pelas suas ruas, meio a animais domésticos, “sorveteiros cantadores”, “mercadores de roletas de cana” e muitas “hortas beiravam a imponência das serras”. Em datas festivas, havia ruidosa queima de fogos e sons alegres de charanga. Após concluir o curso primário, o futuro homem de letras ingressou no Colégio Militar e, em 1904, matriculou-se na Escola Naval. Marinheiro graduado, conheceu “...coisas, gentes, panoramas de todo o mundo... em terras bárbaras ou civilizadas”. Encantou-se com as pirâmides do Egito, subiu no dorso de elefantes amestrados na Índia, acompanhou, no Japão, os rituais come-



Gastão Penalva

morativos ao por-do-sol. Para o amigo Paulo José Pires Brandão, “o artista empolgava o marujo”, que encontrou no oceano “eterna inspiração” e reverenciou a Marinha em: “Botões Dourados”, “Figuras de Proa”, “Gente do Mar”, “Patescas e Marambaias”, “Rajadas de Glória”. Patriota devotado, se empenhou na preservação da História da nação, participando da fundação do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e, com Vicente Racioppi, do Instituto Histórico de Ouro Preto. Durante quatro anos devassou arquivos públicos e de irmandades religiosas, bibliotecas e museus, como pesquisador apaixonado pela arte, religião e passado da antiga capital das Alterosas. Deteve-se na demorada contemplação e análise dos “poemas de pedra” do mestre o barroco mineiro, para finalmente compor o romance histórico “O aleijadinho de Vila Rica” (1933). Utilizou o mesmo método de trabalho investigativo e ficcional para escrever “A tecedeira de nhanduti” (1928), onde o historiador romantizado mescla o trágico das batalhas da guerra do Paraguai com cenas de comovido história de amor.

Prevalecem em “Mulheres” (1933) figuras femininas notáveis, em retoques suaves ou altaneiros, imortalizadas na história, na poesia e nas lendas, como assinala Maria Eugênia Celso no prefácio. Com olhar de velada ternura, o autor

acompanha a mulata Leopoldina, ama de Castro Alves, que, ao transmitir ao menino narrativas pungentes do sofrimento dos escravos, plantaria inconscientemente “naquele cérebro embrionário” a semente das ideias libertárias defendidas pelo futuro poeta abolicionista. No mesmo tom de admiração, disfa descreve cena imaginária de reunião familiar em casa de Marília de Dirceu logo após o degredo de Tomás Antonio Gonzaga. Noutro episódio, destaca traços marcantes da personalidade da bela e culta Bárbara Heliodora, que acompanhou os passos do marido Alvarenga Peixoto no movimento da Conjuração Mineira, encorajando-o nos momentos de fraqueza. Há na coletânea outros registros interessantes e pouco conhecidos. Um deles se refere à infeliz Maria Vicência, noiva-viúva de Bocage. Integrante da caravana real que fugiu à invasão de Portugal pelas tropas francesas, ela passou a residir com o pai e o irmão em cidades do sul de Minas Gerais, vindo a falecer e a ser sepultada em São Gonçalo do Sapucaí. Duas figuras femininas nativas ligadas por laços de família mereceram acentuado destaque. A índia Paraguaçu, casada com o náufrago português Diogo Álvares Correa - o Caramuru - foi estimuladora do marido na ação de doutrinar os selvagens contra a participação em sangrentas batalhas e de instruí-los na prática da agricultura, cabendo-lhes portanto o papel de colonizadores pioneiros do

país. A filha do casal - Madalena Caramuru - mereceu figurar no elenco com dupla relevância, por ser a primeira mulher brasileira a aprender a ler e escrever e, sobremaneira, pela carta que enviou aos jesuítas revelando sua posição contrária ao cativo. O documento, datado de 23 de março de 1561, pode ser considerado como primórdio da cultura feminina nacional e constitui registro precursor da abolição. Antecipando-se em três séculos à Lei do Ventre Livre, a missivista remeteu à autoridade eclesiástica determinada contribuição, rogando que fosse “...aplicada para o resgate destas pobres criancinhas que se veem separadas dos pais cativos...”

Observa-se na obra de Gastão Penalva o emprego de técnica artesanal para recobrir o risco do bordado histórico com fios multicoloridos da fantasia. Para sua concepção, recorreu a variadas fontes de pesquisa, desde livros, biografias confiáveis e velhas coleções de jornais, até consultas a documentos vetustos rendilhados pelas traças. Um estilo fluente e vigoroso, que combina imagens cintilantes e erudição, torna sua leitura agradável e instrutiva.

Ao contrário do francês Pierre Loti, confrade nas armas e na arte, o marujo escritor brasileiro jaz no limbo do esquecimento, junto a tantos outros talentosos injustiçados da literatura.

Rui Ribeiro é escritor e crítico literário. Autor do livro “Águas Fugazes”, entre outros.

PHOENIX
FOTO & VIDEO

TRABALHAMOS COM:

- CASAMENTOS
- ANIVERSÁRIOS INFANTIS
- DEBUTANTES
- BATIZADOS
- ENSAIO PRÉ CASAMENTO
- NEWBORN (RECÉM NASCIDOS)
- CATALOGOS
- EDITORIAIS DE MODA
- FOTOGRAFIA DE PRODUTOS

FOTOGRAFIA DIGITAL ·
FILMAGEM DE ALTA DEFINIÇÃO ·
FOTO-LEMBRANÇA ·
ALBUM FOTOGRAFICO (FOTO-LIVRO) ·
ESTÚDIO FOTOGRAFICO ·
RETROSPECTIVA ·

PHOENIX FOTO & VIDEO
PARANGÁ - SP
www.phoenixfotovideo.com.br
facebook.com/phoenixfotovideo
contato@phoenixfotovideo.com.br
T.: 11 3266-5569 | C.: 11 97582-9752

Mineralamas

Andreia Donadon Leal

A intuição de Chomsky, um grande linguista do século XX, de que a "criatividade é a faculdade de produzir e compreender frases novas infinitamente", parece exemplificada no 4º livro dos poetas aldravianistas. Mais que um livro de aldravias, o volume, segundo a organizadora da antologia, Andreia Donadon Leal, 'é um congresso de aldravianistas, pois todos se dispuseram a proclamar em versos o que a alma sentiu com o drama social, ambiental e político advindo do desastre com a barragem de rejeitos localizada em Mariana, MG, ocorrido em 05 de novembro de 2015. Não é intento desta coleção ser mais um protesto; antes buscou-se encontrar sinais de alerta para a sociedade das vulnerabilidades do progresso que depende da exploração dos bens naturais. Isso foi feito pela poesia, repórter milenar dos feitos heroicos ou dos fracassos humanos. Mesmo para quem não crê na força da poesia como portadora e perpetuadora de informações sensíveis dos fazeres sociais, ela se faz respeitada, porque rompe as barreiras da factibilidade e desnuda as prerrogativas da livre expressão, o que lhe atribui credibilidade'.

O exercício da criatividade encontra guarida na poesia. Neste caso, a poesia sintética, criada na Primaz da poesia mineira, Mariana, amálgama do caminho, da via, com a possibilidade de abertura de portas, a aldrava, cuja resultante é a aldravia que, em seis palavras, constrói continente semântico de abrigo a múltiplas significações.

É preciso reiterar o preceito poundiano, a partir do qual o poeta só vai encontrar a verdadeira poesia se souber extrair o máximo de poesia do mínimo de palavras, além de a poesia ter que se aproximar da sintaxe natural da fala, para alcançar musicalidade e não soar estranho ao ser lida em voz alta. Somente no final da primeira década do século XXI é que os quatro poetas aldravistas de Mariana conseguiam sintetizar a máxima poundiana, tornando aquilo que até então era apenas um desejo do pensador norte-americano em realidade. Enfim, o mundo pôde conhecer um verdadeiro poema sintético, não só

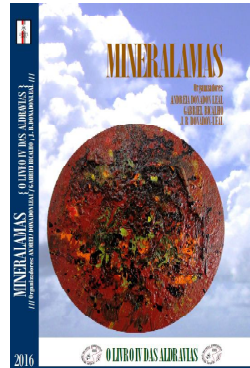
como forma, mas também como atitude poética.

Criamos a Sociedade Brasileira dos Poetas Aldravianistas que hoje, com mais de um centena de associados, congrega competentes cultivadores de aldravias. Essas competências estão disseminado a cultura da aldravia por todos os continentes. Entenderam esses poetas que a essência da poesia está na arte de criar imagens com jogos sintáticos.

A criatividade que exala desta coleção de aldravias tem início já na polifonia de seu título: Mineralamas. Mais que o sentido literal do verbo minerar, extrair elemento mineral de mina ou nela trabalhar, está a amplitude semântica que se obtém quando esse minerar se funde com o substantivo lamas, plural. Não só extração de algo das lamas da barragem rompida, mas procura, apreciação, classificação, processamento de palavras preciosas por ventura perdidas nos rompimentos conceituais, morais, comportamentais, políticos dos sujeitos dessas sociedades extrativistas de sonhos e de esperanças. Nesse espírito de ampliações de horizontes conceituais, 55 poetas se lançaram a romper barragens semânticas para fazer correr no rio das desilusões contemporâneas os anseios de justiça, de respeito, de solidariedade e de reconquista de valores que possam restabelecer o convívio equilibrado entre o homem e os entes da natureza.

A coleção representa a grandeza daqueles que lutam pela construção de relações sociais justas e respeitadas, oferecendo como resposta aos descasos e à ganância esse ramalhete de poesia com esperança de dias melhores.

Andreia Donadon Leal - Deia Leal é poeta, escritora, artista plástica e Mestre em Literatura pela UFV. Contato: deialeal@jornalaldrava.com.br



ALDRAVIAS

Débora Novaes de Castro

04
doce
ilusão
bate
coração
amor-primeiro!

05
festa
cores
beleza
manacás
quaresmeiras
Serra do Mar!

06
flor
beleza
feitoço
lua-grávida
embarazada
prece...
mulher!

04
dulce
ilusión
golpea
corazón
amor-primeiro!

05
fiesta
colores
belleza
manacás
quaresmeiras
Sierra Del Mar!

06
flor
belleza
encanto
Lina-
plegaria...
mujer!

In: **O LIVRO III DAS ALDRAVIAS**
Coordenadores: Andreia Donadon Leal,
Gabriel Bicalho, J.B. Donadon-Leal.
Versão para Espanhol: Andreia Donadon Leal
Mariana-MG / 2015, p. 105.

Débora Novaes de Castro é escritora, artista plástica, Mestre em Comunicação e Semiótica – Literatura e Artes e membro da Academia Cristã de Letras, da Academia Paulista Evangélica de Letras, entre outras Instituições culturais.

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716

soninhaabou@gmail.com

LIVRARIA BRANDÃO



Comprav-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br

NELSON CLARO- O IMPREVISÍVEL

Caio Porfírio Carneiro

Altura mediana, sempre bem vestido, engravatado e de colete, alvo, cabelos pretos, mais para gordo, aparência séria, mas muito irônico, fumando sempre – assim era Nelson Claro. Alto funcionário da Ford. Ia muito à Argentina e a outros países da América Latina a serviço da firma. Tinha parentes próximos, segundo nos falava, proprietários de haras de cavalos de raça, lá para os lados de Sorocaba.

O Nelson Claro era escritor de talento, porém muito apressado e relaxado nas suas criações. Tinha uma qualidade: só bebia uísque bom. Podia pagá-lo. O seu defeito era bebê-lo em demasia.

Frequentava a sede da União Brasileira de Escritores praticamente todos os dias, particularmente quando se afastou, creio que por aposentadoria, da grande empresa onde trabalhava. Quando ainda na ativa, prometeu-me um milhão de vezes:

- Vou lhe levar a Buenos Aires. Você vai conhecer o Caminito. Vai adorar. Pago tudo.

Ficava na promessa. E nas suas idas constantes à entidade forçava-me a acompanhá-lo, à noite, às boates de São Paulo. Fiz essa "via-crúcis" com ele inúmeras vezes, chegava em casa de madrugada e ia, meio de ressaca, trabalhar no dia seguinte. Uma parada federal. Os escritores Kurt Falkenburger, industrial, o Sylvio Monteiro, excelente tradutor em vários idiomas, o poeta Antônio Carlos Augusto Bonafé, que exercera alto cargo no INSS, e este pobretão aqui, formávamos quase sempre, com o Nelson, uma tropa de choque. O

Nelson e o Kurt dividiam as despesas. Praticamente rasgavam dinheiro. Quando o único endinheirado presente era o Nelson, nessas andanças, então ele rasgava dinheiro sozinho.

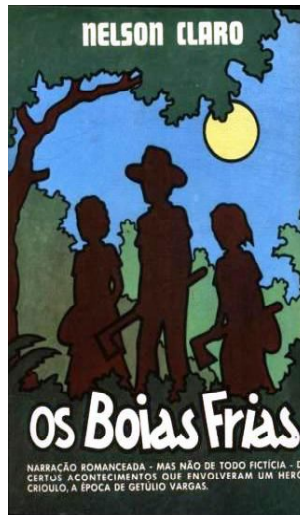
Nelson Claro era demais. Entrava numa boate ou inferninho e se cercava logo de um monte de garotas, pagava bebida para todas, depois íamos a outro lugar, e o festival de gastos continuava. Ao deixarmos uma casa noturna para um giro em outras, ele simplesmente entregava o talonário de cheques ao garçom:

- Preencha como quiser. Inclua o das meninas. Não quero nem saber.

Se Nelson Claro tivesse levado uma vida mais organizada deixaria, sem dúvida, obra mais valiosa. Escritor fotográfico, frases precisas e rápidas, tramas simples, mas altamente fascinantes. Como, porém, escrevia às carreiras, o livro, naturalmente, sofria altos e baixos. Quando eu o alertava disso, pouco se importava:

- Lá quero saber disso, Caio. Vou escrevendo e jogando as folhas no chão. A minha sala fica coberta delas. O que me dá trabalho, depois, é pôr em ordem, porque nem numerar as folhas eu numero.

Ele próprio era um personagem. Endinheirado e com família bem constituída, da alta classe média ou mais do que isto, contou-nos que alugou um barraco numa favela da periferia de São Paulo e se meteu dentro dele para conhecer de perto aquela gente e escrever um livro. Fiz as orelhas para o seu livro *A Ilha do Cardeal*, cujo tema central é o tráfico de drogas. Ele já se preocupava, na década de setenta, quando lançou o livro, datado



de 1980, com esse problema medonho que enlouquece e desnorreia o País e o mundo. Eu escrevi, no início da apresentação: "*O que agrada, de imediato, em Nelson Claro, é a dinâmica do estilo, a dialogação oportuna e vida e até a aparente desarrumação formal.*" Seus livros abordam sempre temas sociais. *Os Boias Frias*, de estreia, fala dos desvalidos da terra, na época getulista.

Escreveu outros livros, mas sempre assim, na carreira, quando lhe dava na telha escrever.

De repente, Nelson desapareceu da noite. Ninguém sabia dele. Todos nós perguntávamos por onde andava e nada.

Confesso que sentíamos falta – evidente – de sua mão aberta nas boates, inferninhos, para onde nos levava. Eu, um quebradão, já andava meio viciado com aquela fartura desregrada. Mas nenhum de nós

saía para motéis. A farra era só de conversarias.

Um dia, ele reapareceu. Bem vestido como sempre, mais magro, mais pálido e nos informou:

- Alguma doença, Nelson?

Negou prontamente:

- Não, não. Um dia eu encontrei na rua uma moça que me deu um grande beijo e disse: "Obrigado, seu Nelson, pela televisão e geladeira que o senhor me deu." E eu nem sei quem era ela. Então falei para os meus botões: "Está na hora de parar, Nelson." Foi o que fiz.

Um dia, chamou-me para tomarmos chá no restaurante. Deixei o trabalho de lado, descemos e pedimos chá com torradas. Uma tarde calorosa. Confessou-me:

- Caio, estou escrevendo um novo livro. Levando a coisa em ritmo lento, com cuidado e disciplina. Não vou lhe contar a história. É uma coisa diferente. Quero que você dê uma lida. Vou lhe trazer o que já escrevi. Corte do que não gostar. Seja sincero. Eu pago.

- Deixa isso pra lá, Nelson. Você já gastou muito comigo.

- Não, não. É serviço profissional.

- Pois traga.

Dois dias depois vim a saber que falecera de repente, justamente enquanto escrevia esse livro, que não concluiu e eu nunca cheguei a ler. Um outro, que deixou inédito, foi publicado após sua morte.

Nascido em Santa Adélia, interior de São Paulo, em 1917, faleceu em 1987, setentão.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista, poeta, crítico literário e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...



Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

CAIO FERNANDO ABREU: PAIXÃO PELA LITERATURA

Raquel Naveira

Há pontos em que me identifico com Caio Fernando Abreu: a paixão por escrever, a forma de ser e estar no mundo através da palavra, o desafio de viajar e enfrentar o desconhecido, a sede de ser testemunha de seu tempo. Aliás, "mártir" significa "testemunha". A literatura é amante cruel, que exige sangue, entrega do espírito, entranhas abertas em sacrifício. E Caio escrevia como alguém que se prostra no chão, que se imola, tomado por uma força mística, envolto numa chama vermelha, um halo roxo sobre a cabeça.

Como toda uma geração, fui tomada de assalto pela leitura de seu livro de contos *Morangos Mofados*, que veio a lume logo depois da abertura política e de sua volta do exílio. Na fineza de estilo, na pele acetinada dos textos, as cicatrizes profundas da dor, do fracasso, do estranhamento. No cenário da cidade nebulosa, massificada, cheia de símbolos da indústria cultural, caminham seus personagens, seres humanos com angústias, problemas do inconsciente, traumas de infância. São sobreviventes que cospem o gosto amargo, azedo, dos morangos de *Strauberry Fields*, a música dos Beatles, que embalou os sonhos da contracultura. Morangos podres, agarrados nos dentes e na garganta.

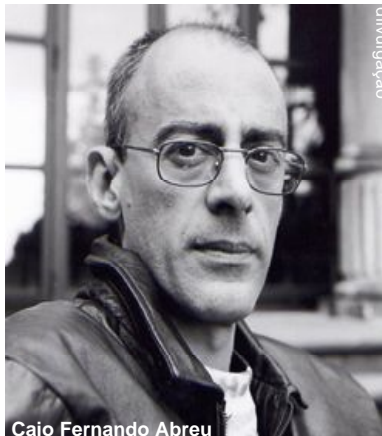
Residindo no centro-oeste, numa região de fronteira, de árvores e histórias de violência, criada num outro espectro, conheci através desse livro uma realidade cinzenta, de desamparo e degradação que pude enxergar depois, com lentes de aumento, em minhas andanças pelas metrópoles. Conheci também um jeito peculiar de expressão, dramático, visual, capaz de captar a frag-

mentação do caos, o anseio inquietante da busca da felicidade, em pleno vazio. Dizendo e desdizendo, embaralhando cartas, declarando que havia uma coisa "dentro de si e fora"; que "tentara se interessar pelo desinteressantíssimo", Caio perseguia o tudo, o nada, o paradoxo, a antítese. Utilizava a linguagem cifrada dos sentidos; as frases quebradas, soluçadas, partidas como cristal; os exageros hiperbólicos; as dilacerações da sintaxe. Construía imagens de um caleidoscópio às vezes sublime, às vezes brutal.

Jamais seria a mesma depois de mastigar aquele livro, aqueles morangos mofados. Se ele declarava que "não chorava mais, nem que estava certo se alguma vez teria chorado", chorei muitas vezes ao lê-lo. Chorar sempre foi meu segredo.

Em 1993, enviei a ele, através da *Folha de S. Paulo*, um livro meu, um romanceiro intitulado *Guerra entre Irmãos*: poemas inspirados na Guerra do Paraguai. Ele respondeu dizendo que apreciara o livro, um épico latino-americano. Salientou o tom erótico do encontro entre o jovem Visconde de Taunay e a índia Antônia, que se apaixonara por aquele francês de cabelos encaracolados, com ar distante, que escrevia, anotava tudo em cadernetas, entre os laranjais dos morros de Aquidauana.

Aproveitando essa deixa, mandei-lhe outros livros: o *Via Sacra*, o *Fonte Luminosa*, o *Nunca-te-vi*. Em seguida, encontrei-o algumas vezes em São Paulo, em feiras e premiações. Ele sempre gentil, carinhoso, compassivo com uma colega de ofício, os olhos imensos, fixos em mim atrás dos óculos de aros finos.



Caio Fernando Abreu

Na última vez, numa Bienal do Livro, ele já estava debilitado pela AIDS, muito magrinho, mas alegre, sem aparentar desânimo. A morte embrulhada dentro dele.

Depois de seu falecimento, morando eu em São Paulo, numa livraria de esquina, às três da tarde, deparei-me com seu companheiro e assistente, Gil Veloso. Gil foi um amigo querido, incentivador, nos oito anos que lá passei. Descobrimos que mo-

rávamos perto, vizinhos. À sombra do Minhocão. Ele, num prédio com varanda, onde uma bananeira nos saudava com vigor tropical. E nos encontrávamos pelas ruas do bairro, nos eventos, no café do shopping, nos lançamentos de seus poéticos livros para crianças, cheios de "travessuras para anjos e marmanjos". Sua aula sobre criatividade e ritmo foi fato inesquecível para minha neta. Sempre Gil dizia do afeto que Caio tinha por mim, de como guardava com destaque os meus livros, agora pertencentes a ele.

Caio Fernando regressou no final de sua vida a Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, seu estado natal. Plantou e colheu rosas. Amava jardins e arrancava com gosto a erva daninha. Também eu voltei à minha terra, sul de Mato Grosso. E sinto prazer em andar, no meio do cerrado, entre flores delicadas, pequeninas joias, como as carobinhas, as juremas e as malvas brancas.

Raquel Naveira é escritora e membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e Doutora em Literatura Portuguesa pela USP.

TANTOS

Carlos Pessoa Rosa

entre tantos
 enraizamentos: eu osmótico
 entre tantas
 zonas fronteiriças: eu nômade
 entre tantos e tantas: eu sombra
 vulto, sopra e vento
 nos entres adormeço alfinetes
 chuleio arco-íris
 e me masturbo como se nuvem
 esse eu que se evapora
 tão logo a palavra se achega da noite
 entre tantos
 adormecidos: eu noctâmbulo em Vênus
 dialogando com as três irmãs
 entre tantas
 síndromes de pânico: eu no velório
 das formigas
 entre tantos e tantas: eu pura leveza
 bolha de sabão
 em delírio ascendente e infinito
 (mas logo ali: um lábio, uma síntese...)

Carlos Pessoa Rosa é escritor, poeta, médico e editor do Meio Tom poesia & prosa. <http://www.meiotom.art.br/>

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

Resultados de Concursos Literários

PRÊMIO JABUTI DA CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

A obra vencedora em primeiro lugar, de cada uma das 27 categorias, será agraciada com o troféu Jabuti e um prêmio no valor bruto de R\$ 3.500,00 (três mil e quinhentos reais). Para coautoria, o prêmio será dividido em partes iguais. Segundos e terceiros colocados de cada categoria receberão o troféu Jabuti. O Livro do Ano Ficção e o Livro do Ano Não Ficção receberão, cada um, o troféu Jabuti dourado e o valor bruto de R\$ 35.000,00 (trinta e cinco mil reais).



Divulgamos apenas os resultados das categorias Contos e Crônicas, Poesia e Romance. Demais: <http://premiojabuti.com.br/premiados-2016/>

CONTOS E CRÔNICAS: 1º Lugar: *Amora*, Natalia Borges Polessio; 2º Lugar: *As Mentiras que as Mulheres Contam*, Luis Fernando Veríssimo; 3º Lugar: *Eles Não Moram Mais Aqui*, Ronaldo Cagiano; In Memoriam: *Jeito de Matar Lagartas*, Antonio Carlos Viana. **POESIA:** 1º Lugar: *Agora Aqui Ninguém Precisa de Si*, Arnaldo Antunes; 2º Lugar: *Opera de Nãos*, Salgado Maranhão; 3º Lugar: *Da Lua Não Vejo a Minha Casa*, Leonardo Aldrovandi. **ROMANCE:** 1º Lugar: *A Resistência*, Julián Fuks; 2º Lugar: *Bazar Paraná*, Luis S. Krausz; 3º Lugar: *Desesterro*, Sheyla Smianioto.

CONCURSO LITERÁRIO DA AFEMIL E UNIVERSIDADE LIVRE DA ACADEMIA MINEIRA DE LETRAS 2016

CATEGORIA CONTO: 1º lugar: *Mestres em Gaya*, Iná de Fátima Araújo Siqueira; 2º Lugar: *Bonequinhos de Barro Escarlate*, Terezinha Gema Lins Brandão Chaves; 3º Lugar: *O Ribeirão Medita*, Maria Beatriz Del Peloso Ramos. **Menção Honrosa:** 1º Lugar: *Água Viva*, Edweine Loureiro da Silva; 2º Lugar: *Que as Crianças Cantem Livres*, Cláudio César Helvécio de Freitas; 3º Lugar: *A Menina Clara*, Juliana Patrício Borges. **CATEGORIA CRÔNICA:** 1º Lugar: *TOE 01/2045*, Pedro Diniz de Araujo Santos; 2º Lugar: *Descaso humano*, Maria Teresa M. Freire; 3º Lugar: *Mulher Fonte de Água*, Rita de Cássia Zuim Lavoyer. **Menção Honrosa:** 1º Lugar: *A Sobrevivência do Nosso Planeta Depende de Nós*, Wilson de Souza Lima; 2º Lugar: *Uma viagem, seus encantos e o necessário contágio*, Evandro Valentim de Melo; 3º Lugar: *Minha Parte*, João Baptista dos Santos. **CATEGORIA ENSAIO:** 1º Lugar: *Reciclar*, Ângela Togeiro Ferreira; 2º Lugar: *Educação, ação e conscientização*, Solange Firmino de Souza; 3º Lugar: *Salvemos nosso Planeta para as futuras gerações*, Irlanda Silva Gino. **Menção Especial por Criatividade:** 1º Lugar: *O Gigante*, Maria Lúcia Mendes; 2º Lugar: *Fragments*, Rodrigo Guimarães Pena; 3º Lugar: *O Choro da Araucária*, Evandro Luiz Gaffuri. **CATEGORIA POESIA:** 1º Lugar: *Prelúdio à Primavera*, Josemar Otaviano de Alvarenga; 2º Lugar: *Salvação*, Sara Braga; 3º Lugar: *A cada Folha*, André Telucazu Kondo. **Menção Honrosa:** 1º Lugar: *Cura*, Monica Costa Netto; 2º Lugar: *Deslumbre*, Gisela Lopes Peçanha; 3º Lugar: *Geogrito*, Helena Carneiro Polles. **Menção Honrosa:** 1º Lugar: *Ararinha Azul*, Neusa de Oliveira Sousa; 2º Lugar: *Ele, o rio*, Nathale Prates Ribeiro Moura; 3º Lugar: *A Terra*, Teresinka Pereira; 4º Lugar: *O Eterno Ritmo*, Maria Eneida Nogueira Guimarães; 5º Lugar: *A Sobrevivência do nosso Planeta depende de nós*, Sílvia Coutinho; 6º Lugar: *EnTerrar*, Rômulo César Lapenda R. de Melo.

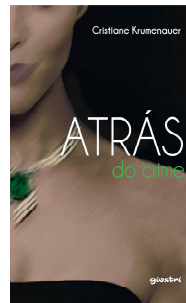
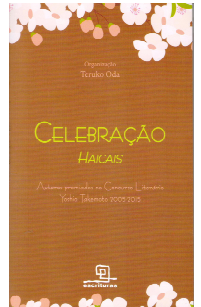


Livros

Celebração Haicais, organizado por Teruko Oda, Escrituras Editora, São Paulo, 93 páginas. ISBN:978-857531-714-3.

A obra reúne trabalhos premiados, no Concurso Literário Yoshio Takemoto 2005-2015, de Amália Marie Gerda Bornheim, Antonio Fabiano, Carol Ribeiro, Cecy Tupinambá Ulhôa, Cristiane Kovacs Cardoso, Elizabeth Krinski Beraldo, Francisco Handa, João Toloi, Lúcia Helena Martins Gonçalves, Mahelen Madureira, Maria Heloisa de Souza Mello, Marly Barduco Palma, Neide Rocha Portugal, Regina Alonso, Reneu do Amaral Berni, Sérgio Francisco Pichorim, Sonia Regina Rocha Rodrigues, Tânia Alves da Costa e Teruko Oda.

Escrituras Editora: www.escrituras.com.br



Atrás do Crime, romance de Cristiane Krumenauer, Giostri Editora, 188 páginas, São Paulo. ISBN: 978-85-8108-677-4.

A autora é escritora, contista, Mestre em Linguagem, Interação e Processos de Aprendizagem pela UniRitter Laureate International Universities e especialista em Literatura pela UFRGS.

No crime organizado, ele planeja todos os caminhos da droga: desde sua origem na fronteira até sua distribuição em São Paulo. Conhecido como o Mestre da Logística das Drogas, mas chega o dia em que encontra um rival à altura: o agente federal Giorgio. Em se tratando de crime, a paixão e o temor podem ser fatais.

Giostri Editora: www.giostrieditora.com.br

Sombras sobre a Terra, de Francisco Espínola, tradução de Erorci Santana, LetraSelvagem, Taubaté (SP), 360 páginas. ISBN: 978-85-61123-20-8.

O autor, professor, escritor, crítico literário e teatral, nasceu em São José de Mayo, em 4 de outubro de 1901, e faleceu em 27 de julho de 1973.

Segundo Ronaldo Cagiano, "Com este monumental *Sombras sobre a terra*, na impecável tradução de Erorci Santana, junta-se a outros autores que tradicionalmente popularizaram o melhor da novelística uruguaia do século 20 (como Ángel Rama, Eduardo Galeano, Enrique Amorim, Felisberto Hernández, Horacio Quiroga, Juan Carlos Onetti, Mario Arregui, Mario Benedetti, Ricardo Güiraldes e Rômulo Gallegos), familiarizando-nos com o contexto histórico, geográfico, social e psicológico, de modo que possamos compreender o caráter e a formação da identidade e dos valores desse imenso, polifônico e trágico continente, com seu dualismo, sua fragmentação e seus sortilégios, com uma perturbadora – e ao mesmo tempo poética – dimensão humanista."

LetraSelvagem: www.letraselvagem.com.br



Caio Porfírio Carneiro,
Espaço Scortecci e a
Scortecci Editora convidam
para o lançamento do livro

Veredas percorridas
CONTOS

Veredas percorridas

10/12/2016 - Sábado, às 19h

Nesta data, a Scortecci Editora prestará homenagem ao autor por sua trajetória literária.

Local: Espaço Scortecci
Rua Dep. Lacerda Franco, 96 – Pinheiros
CEP 05418-000 – São Paulo/SP
Telefone: (11) 4562 8004



Beatriz Helena Ramos Amaral

Beatriz Helena Ramos Amaral, poeta, ensaísta e Mestre em Literatura e Crítica Literária, lançará os livros *OS FIOS DO ANAGRAMA* (contos) e *ESCRITOS JURÍDICOS E MEMÓRIAS*, pela RG Editores, no dia 2 de dezembro, sexta-feira, das 18h30 às 21h30, na Casa das Rosas, Av. Paulista, 37, em São Paulo. Será realizada Mesa com a participação de Felipe Locke Cavalcanti, Mona Dorf, Carlos Bueno, Paulo Salles de Toledo e da autora. *OS FIOS DO ANAGRAMA*, primeiro livro individual de contos da escritora, reúne 21 contos, sendo a maior parte deles inéditos. *ESCRITOS JURÍDICOS E MEMÓRIAS* reúne artigos, teses, pareceres, resenhas e ensaios bastante representativos das mais de três décadas da atuação de Beatriz H. R. Amaral no Ministério Público de São Paulo, na promoção da Justiça.

João Malaca Casteleiro, professor, escritor português, linguista e membro da Academia das Ciências de Lisboa, foi eleito para ocupar a Cadeira nº 18 no Quadro de Sócios Correspondentes da Academia Brasileira de Letras, vaga ocupada pelo tradutor norte-americano Gregory Rabassa.

Fabiano de Abreu, jornalista e assessor de imprensa, lançou *Viver Pode Não Ser Tão Ruim*, livro de filosofia, pela Editora Albatroz.

Francisco Paco Espínola (1901-1973), escritor uruguaio, lançou *Sombras sobre a terra* pela Editora LetraSelvagem, no dia 16 de novembro, na Casa das Rosas. A obra foi apresentada por Carlos Felipe Moisés, Ronaldo Cagiano, Erorci Santana e Joaquim Maria Botelho e pelo escritor e crítico uruguaio Leonardo Garet.

Notícias

Isis Valéria Gomes, Carlos Taufik Haddad e Paulo Moregola foram eleitos, em Assembleia realizada no dia 8 de novembro, para a Comissão Eleitoral que dirigirá o processo eleitoral da Câmara Brasileira do Livro.

Fernando Paiva, escritor e jornalista, autor de vários livros de destaque no cenário nacional, lançou *Depois que o Tempo Passar, Madalena*, pela Editora 7 Letras, em Ubook - plataforma de audiolivros por streaming da América Latina. É narrado pelo próprio autor e tem duração de áudio de 2 horas e 52 minutos. www.ubook.com

Alex Mehedff lançou *Mundo Desconhecido*, pela Andrea Jakobsson Estúdio. A obra reúne 120 fotografias tiradas nas zonas de conflito dos territórios curdos do Iraque e da Síria.

A FLINKSAMPA, Festa do Conhecimento, Literatura e Cultura Negra, organizada pela Faculdade Zumbi dos Palmares e ONG Afrobras, será realizada nos dias 18 e 19 de novembro, no Memorial da América Latina, em São Paulo.

A 18ª Festa do Livro da USP, promovida pela Edusp, será realizada de 22 a 25 de novembro, das 9 às 21 horas, na Avenida Prof. Mello Moraes, travessa C.

Céus e Terra, romance vencedor do Prêmio SESC de Literatura, de Franklin Carvalho, foi lançado pela Editora Record.

João Alexandre Barbosa lançou *A Cruz, a Espada e o Agogô*, pela Editora Metanoia.

O Almoço de Confraternização dos amigos do *Linguagem Viva* será realizado no dia 7 de dezembro, quarta-feira, a partir das 12 horas, no Restaurante Bovinu's, Av. Paulista, 735, em São Paulo. O almoço, por quilo, é por adesão. É necessário confirmar presença. linguagemviva@linguagemviva.com.br

Jô Soares, apresentador, ator, comediante, diretor, produtor, dramaturgo e artista plástico, tomou posse, no dia 10 de novembro, na Academia Paulista de Letras, para a cadeira número 33 - ocupada pelo escritor Francisco Marins -, e foi saudado pelo acadêmico Ives Gandra da Silva Martins.

Claudia Sehbe, poeta e artista visual, lança o livro de poemas *Somos Instantes*, pela Editora Olhares.

A 1ª Festa Literária de Piracicaba - Flipira, realizada nos dias 29 e 30 de outubro, na Rua do Porto, em Piracicaba, abrigou atividades culturais, contação de histórias, troca de livros, saraus e homenagem a grandes escritores brasileiros. O valor arrecadado com a venda dos livros foi doado ao Lar dos Velinhos de Piracicaba. A Flipira, paráfrase da Flip[®], foi idealizada por Raquel Delvaje. A festa também contou com o espaço da Flipirinha para as crianças trocarem livros e gibis já lidos. O projeto *Livro com pezinhos* foi concebido por Ivana Negri e Carmem Pilotto, coordenadoras do evento.

Francisco Moura Campos lançou *Refúgios do Tempo*, pela LetraSelvagem, no dia 24 de novembro, quinta-feira, às 19 horas, na União Brasileira de Escritores, Rua Rego Freitas, 454 - 6º andar - Conj. 61, em São Paulo.

Caio Porfírio Carneiro lançou *Veredas Percorridas*, contos, pela Scortecci Editora, dia 10 de dezembro, sábado, às 19 horas, no Espaço Scortecci, Rua Deputado Lacerda Franco, 96, em São Paulo. A Scortecci Editora prestará homenagem ao autor por sua trajetória literária.

Academia Paraibana de Letras Jurídicas, presidida por Ricardo Bezerra, foi agraciada com o *Troféu Heitor Falcão*, promovido pelo Colunista Social Abelardo Jurema Filho.

O Projeto Momento Poético, realizado em outubro em Montes Claros (MG), homenageou o poeta Carlos Drummond de Andrade, no Painel Permanente de Poesia Juca Silva Neto dentro da Biblioteca Municipal Doutor Antônio de Carvalho, com um recital de poemas do escritor feito pelos artistas Nath Frutuoso e Aroldo Pereira.



Sonia Sales

Sonia Sales foi agraciada com diploma e troféu pela Associação dos Diplomados da Academia Brasileira de Letras. A láurea foi entregue no dia 26 de outubro pela presidente Zélia Fernandes. Sonia autografou o livro *A Emoção de Ser Carioca - João do Rio*.

Dom Paulo Evaristo Arns, Arcebispo Emérito da Arquidiocese de São Paulo, Grão-Chanceler da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) de 1970 a 1998, Cardeal, escritor, Membro da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos e Coordenador do Colégio Episcopal de São Paulo, foi homenageado, no dia 24 de outubro no Teatro Tuca, pelos seus 95 anos. Na ocasião foi lançada a biografia *Dom Paulo, um homem amado e perseguido*, pela Editora Expressão Popular, de autoria das jornalistas Evanize Sydow e Marilda Ferri.

O 58º Prêmio Jabuti, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, realizará cerimônia de entrega dos prêmios no dia 24 de novembro, a partir das 19 horas, no auditório do Ibirapuera, em São Paulo.

Odette Mutto lançará *Viva o Brasil...*, contos, pela Scortecci Editora, no dia 24 de novembro, quinta, das 17 às 20 horas, no Espaço Scortecci, Rua Deputado Lacerda Franco, 96, em São Paulo.

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Execuções Cível - Família - Trabalhista

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo

Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

